

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 03 – 2007, MARÇO
Assinatura até Dezembro de 2007: 9 selos postais de 1^o Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Contos e Poesias?
www.haicu.sf.nom.br

Es rubia: el cabello suelto da más luz al ojo moro: voy, desde entonces, envuelto en un torbellino de oro.
Bajo, en lo oscuro, al temido raudal de la catarata: ¡y brilla el iris, tendido sobre las hojas de plata!
La abeja estival que zumba más ágil por la flor nueva, no dice, como antes, "tumba": "Eva" dice: todo es "Eva".
Miro, ceñudo, la agreste pompa del monte irritado: ¡Y en el alma azul celeste brota un jacinto rosado!

José Julián Martí 1853-1895, Versos Sencillos, Canto XVII;
José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Deitas no solo as ramas e as sementes cheio de fé e de esperanças farto, para depois pousar teus olhos quentes nas paredes furadas do teu quarto.
Balbucias então, preces ardentes, sem cogitar da praga e do lagarto, e sem sonhar com os efeitos das enchentes e da seca terrível como um parto.
E perdes tudo sem um só lamento, sem maldizer a terra e o firmamento, aguardando um período de bonança.
Plantas de novo a terra arada e grossa. E o sol que mata e queima a tua roça, não consegue matar tua esperança.

As águas deste estranho rio entrando, olhas, e ao teu olhar perscrutador rutilam pedras fúlgidas, brilhando, tal um sol submerso e sem calor.
Colhes às mãos esse tesouro, e, quando cansado de lutar, molha-te o suor, na mão calosa, as pedras segurando, sonhas com um mundo em que não és senhor.
Teus olhos se dilatam... boca aberta, vês as jóias nos braços e no peito das mulheres que nunca hás de possuir...
A mão ferida em crispação se aperta, e um punhado de pedras rola ao leito do rio, onde de novo irmão dormir...

Eu sempre peço a Deus, nas orações que faço, nos preserve este amor que um dia Ele nos deu. E ponho em suas mãos as pontas desse laço com o qual o destino há muito nos prendeu.
Eu sempre peço a Deus, de olhos além, no espaço, com alma e coração alados para o céu, que eu desse amor não sinto o mais leve cansaço mesmo quando sentir que já envelheceu.
E como em livro, novo, a cada nova folha, uma surpresa, um gozo, uma lição recolha cada dia esse amor pelos caminhos seus, onde a brisa renove as esperanças idas, e as rosas da afeição despontem re floridas, é o que nas orações eu sempre peço a Deus.

Ênio Quintanilha Sanches, Canção da Prece de Amor

Alaôr E. Scisínio de Araújo, Ao Lavrador

Amélia Tomás, Garimpeiro

de 37 Poetas Fluminenses, 1963
Supervisão de Jacy de Freitas Pacheco, Lyad de Almeida e Luís Antônio Pimentel

Agora que envelhecemos, percebemos a jazida: cada mestre que tivemos pelos caminhos da vida.
Alda Moreira, 0703
O Patusco, Caixa Postal 95
61600-000 – Caucaia, CE

O reumatismo atacava meu avô em tal escala, que o velho já se queixava de dor até na bengala.
José Lucas de Barros, 0702
Sem Limites,
ercv.maria@telefonica.com.br

Vaidade gera violência orgulho dá dissabor, revolta faz prepotência, humildade traz amor.
José M. Morgade de Miranda, 0702
O Ubeteano, Caixa Postal 448
14001-970 – Ribeirão Preto, SP

Na praia alguém grita: gente, dois carecas se afogando! – Outro diz: calma, é somente um nudista mergulhando...
José Tavares de Lima, 9704
II Menestrel da Trova,
UBT – Seção de Juiz de Fora

Mesmo, em pequeno teor, há, em toda confraria, arrogância, desamor, mesquinhez, e hipocrisia...
Pedro Grilo, 0607
O Pitiguari: Rua Guanabara 542,
59014-180 – Natal, RN

Ah, coração, não palpites tão forte que o espaço é estreito e esta mágoa sem limites tem que caber no meu peito!
Waldir Neves †, 0702
Trovalegre: Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Soltando rojões chega o barco festejando cheio de sardinhas.
H. Masuda Goga

Sumiu a montanha subitamente na neblina... Paranapiacaba!
H. Masuda, Goga

Esquilo no parque pede alimento ao menino saquinho nas mãos.
H. Masuda, Goga

Últimos frutos, no velho caqueizeiro, luzem ao pôr-do-sol!
Shinobu Saiki

Lenta e vacilante circula entre os convidados a mosca outonicha
Teruko Oda

Torneira pingando... Uma libélula chega zigzagueando.
Teruko Oda

As cristas-de-galo... As galinhas poedeiras não param de cantar.
Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO



OUTONO – QUIDAIS DE OUTONO

Almoço de domingo cafezinho bem coado. Dia do Sogro.
Cássio Caio Prados

A névoa densa embaça os faróis. Descida pra Santos.
Edmilson Felipe

Discreto o luar. Alguma coisa de rima e gente cantando.
Fernando Vasconcelos

Sardinha no prato, arroz com feijão, ao lado: – almoço campestre.
João Batista Serra

Faca afiada quiabo vermelho dedo cortado.
Maira Kawachi Wiers

Na velha nogueira esquilo salta ligeiro em busca de frutos.
Olga dos Santos Bussade

Em meio à fumaça, um aroma penetrante. Amendoim torrado.
Roberto Resende Vilela

HAICUS EM FOLHA



Pelo céu deserto fim de uma estação alegre andorinhas partem. K
Alba Christina

Na beira do córrego crianças lavam os pés na água transparente. K
Alba Christina

Sobre as plantações, rufos e cantos sonoros dos arranca-milhos... F
Amália Marie Gerda

Num redemoinho que ensurdece a imensa praça, andorinhas partem. K
Amália Marie Gerda

Num leve cicio corre por entre as ramas. Água transparente. F
Amauri do Amaral Campos

Vermelho espantoso. E em minha roça de arroz, os arranca-milhos. Q
Analice Feitosa de Lima

Na água transparente do rio a correr veloz lua se banhando. Q
Analice Feitosa de Lima

Os ventos gelados vão soprando seu recado. Andorinhas partem. B
Angélica Villela Santos

Tempo de colheita. Desafiando os lavradores, vem o arranca-milho. Q
Angélica Villela Santos

Brotando do chão, ela é pura e cristalina, água transparente. Q
Argemira F. Marcondes

As pedras brancas na correnteza do rio. Água transparente. B
Cecy Tupinambá Ulhôa

Em revoada as andorinhas partem. Nuvens de asas. K
Cecy Tupinambá Ulhôa

Na cerca, o espantoso não assuta o arranca-milho. O papo está cheio. Q
Cecy Tupinambá Ulhôa

Desjejum na roça: arranca-milhos devoram horas de trabalho... B
Darly O. Barros

Águas transparentes refletindo o azul do céu. E o rio passando... B
Darly O. Barros

Andorinhas partem sob o céu acinzentado; – outras paragens. H
Denise Cataldi

Raio de luar brinca na água transparente da fonte, na praça... Q
Elen de Novais Felix

Passeio indolente dos peixes deixando ver água transparente. Q
Fernando L. A. Soares

Água transparente correndo pelo riacho. Peixinhos à tona. A
Flávio Ferreira da Silva

Em bandos imensos e fugindo ao frio intenso, andorinhas partem. Q
Flávio Ferreira da Silva

Água transparente movimentada canoa no Rio Negro. AB
Larissa Lacerda Menendez

Seqüências rápidas em grupos ordenados. Andorinhas partem. K
Manoel F. Menéndez

Um pássaro preto, no ninho do tico-tico. É o arranca-milho. Q
M^o Marlene N. Teixeira Pinto

Na beira da praia, um cardume de peixinhos. Água transparente. Q
M^o Marlene N. Teixeira Pinto

Andorinhas partem, deixando seu lar amigo. Desenhos no céu. H
Nadyr Leme Ganzert

Caminhando, encontro córrego pelo caminho. Água transparente. Q
Nadyr Leme Ganzert

Traçando no céu o desenho de uma cruz, andorinhas partem. H
Renata Paccola

Peixes aparecem sob as águas transparentes. Pescador feliz. K
Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

✉ Remeter até 30.03.07, quigos à escolha Balão, Dia do Meio Ambiente, Dia de São João. ✉

Remeter até 30.04.07, quigos à escolha Pampeiro, Rio de Inverno, Salgueiro sem Folha.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

T R E V O S À M O D A O C I D E N T A L E			T R E V O S P E R S O N A G E M			
Iô, Pixinguinha, graúna, choro. Tem muito tempo, não, é? Agostinho José de Souza	Uma opção feliz para um lazer agradável. Dia do Turismo. Alba Christina	Impiedoso vento! Enrola-se no abacate e o joga no chão... Amália Marie G. Bornheim	Um distante mar, um cardume de sardinhas, e comércio à vista. Analice Feitoza de Lima	Cô-cô-ri-cô-cô... empinando a crista, o galo desperta a manhã. Ceey Tupinambá Ulhôa	Generosa oferenda árvore-do-viajante redoma de paz. Darly O. Barros	Os flocos branquinhos transformados em tecidos: frágil algodão. Djalda Winter Santos
As chuvas de março fecham silenciosamente o verão que passou... Douglas Eden Brotto	Por trás da alegria com as águas finas de março, o ar de nostalgia. Fernando L. A. Soares	São cristas-de-galo umas florzinhas singelas, espigas mimosas. Fernando Vasconcelos	O humano esquecido no Dia dos Animais. Bicho não é gente!? Haroldo R. Castro	Chegou o apagão, mas não há escuridão. Eis o clarão da lua!... Hervécio Durso	Ao amanhecer, floriu a crista-de-galo. E um galo cantou!... Hermoclydes S. Franco	Também o turismo tem data no calendário: – passagens escassas. Humberto Del Maestro
A ave do vizinho passa o dia repetindo: – periquito rico. João Batista Serra	A laranja-lima que cura muitos doentes fruta de quintal. Jorge Picanco Siqueira†29.10.06	A submarina. Sardinha dentro da lata da cadeia alimentar. José Walter da Fonseca	– Fale, louro, fale! – Liberdade a bichos, pássaros! Curripaco-paco... Leonilda Hilsenberg Justus	Dia da Poesia. Num eterno mar de versos hoje é gota-dia... Luiz Koshiro Tokutake	Nos olhos meninos, os tamarindos no chão, trazem alegria. Maria App. Picanco Goulart	Um girassol negro na meia folha branca espera por versos. Maria de Jesus B. de Mello
Louro acorrentado contempla a mata... – e protesta: – Assim não dá pé! Maria Madalena Ferreira	Geodo... Romãs cristais rosas de saúde dão água na boca. Nadyr Leme Ganzert	Na mata verde o tucano é um canto belo que a gente admira. Nilton Manoel Teixeira	Tossindo com febre, ancião me pede ajuda: um chá de romã! Olíria Alvarenga	Momento de trégua: iluminando o apagão, o clarão da lua. Renata Paccola	No império das flores, o girassol é um inca que adora o astro-rei... Santos Teodósio	Manacás em flor relembra sonhos desfeitos. Roxo é o arrebol. Walma da Costa Barros

Aquela nebulosa acolá: alcova de vaga-lumes.	Nuvens encobrendo a claridade da noite. Vaga-lumes seduzidos.	Maré de vazante: lento naufrágio do mar. A cidade ilhando.	Vaga-lumes brincam de esconde-esconde – e nós perdidos na noite.	Sempre se aguardando um sutil canto por onde passa um beija-flor.	Gota de orvalho lá perdida na calçada: a manhã te achou.	Para não pisar vaga-lumes apagados cautela no escuro.
Adúltero esse beija-flor – aquela orquídea se retrai traída.	Pássaro vidente cantando só para mim. Os olhos vazados!	Ressaca de agosto. A porta da frente aberta para o mar entrar.	As estrelas piscam de antigas – os antigos piscam esquecidos.	Chega a primavera. As borboletinhas novas fazem descobertas.	Pousada no trilho uma borboleta azul. E o trem atrasado!	O vento na praça forçando <i>strep-tease</i> : pernas coxas galhos.

Fernando Sérgio Lyra, de Planos de Gaivotas, 1996 – Escrituras Editora, Telefax: (0*11) 5082-4190, E-mail: vendas@escrituras.com.br

Sopa de cuiabano um verde louva-deus na borda do prato.	Manhã de Páscoa beija-flor da mata vibra no jardim.	Noite de lua cheia o contorno da ermida no alto da colina.	As folhas castanhas do jequitibá vermelho tapete de outono.	Branco no varal entre flores amarelas o azul do sanhaço.	Tarde no campo o suave pouso da curicaca no alto do campanário.	Paisagem noturna um pássaro tardio voa diante da Via-láctea.
Beira da lagoa vicejante se estende o arrozal do cerrado.	Início de maio floração de cachimbeiro no cerrado seco.	Terraço vazio a imensidão da Via-láctea sobre o telhado.	Aragem de maio cintila o lírio encarnado no branco areal.	A flor temporã da pereira no jardim branco no outono.	Sombras recortadas revoada de passarinhos sobre o arrozal.	Canto matinal neste cáldo outono pássaro sem nome.

Alice Bertoli Arns, Jardim de Lembranças, 2006 – Editor: José Marins, josemarins@pop.com.br

As gotas de orvalho brilham ao sol da manhã – sapatos molhados.	Manhã de outono deslizam pequenas gotas sobre o pára-brisa.	Reflexos solares corredor avermelhado na tarde outonal.	Panelona preta ainda soltam fumaça pamonhas quentinhas.	Gritos estridentes numa palmeira adernada bando de jandaíais.	Rio São Francisco da barraca vem um aroma de dourado na brasa.	Fiéis se reúnem durante a Semana Santa – os terços balançam.
---	---	---	---	---	--	--

Benedita Silva de Azevedo, Canto de Sabiá, 2006 – Editor: José Marins, josemarins@pop.com.br – Contatos: Araucária Cultural, (0*41) 3029-8713

Q U E M É Q U E M . . . Q U E M É O Q U Ê ?

Angela Togeiro, de Cavallo Alado – Mazza Edições, 2002, Belo Horizonte, Telefax (0*31) 3481-0531, edmazza@uai.com.br

No inverno, o dia escurece cedo. Gabriel estava aborrecido com isso. O frio e o tempo fechado iam estragar seus planos de ir nadar na casa de Dalila. Havia marcado aquele encontro há dez dias, e agora... Bom, não podia saber que o tempo iria virar tão rapidamente. Telefonou para ela e acabou marcando um encontro para irem ao cinema. Mal colocou o fone no gancho, seu chefe entra.

“Que bom você ainda estar aqui. Preciso de alguém para ir ver a obra de ampliação do manicômio. Sei que serviço fora não é com você, mas vá lá, quebra o galho. O Justino ainda não chegou da Pampulha e preciso de alguém lá. Vamos entregar a obra na segunda. É apenas para anotar se está tudo legal mesmo.”

“Logo eu? Tá legal eu vou, só desta vez. Eu num manicômio...”

Gabriel pegou um táxi, no que entra, sua carteira cai, e ele só descobre na hora de pagar a corrida. Dá o endereço do escritório e pede ao motorista que o procure, na segunda-feita, para receber. Tocou a campainha várias vezes e ninguém atendeu. Percorreu a lateral direita do prédio e encontrou um portãozinho. Testou a maçaneta: destrancado. Sacudiu os ombros, olhou à sua volta e entrou. Fechou o portão, tentou abri-lo e descobriu que ele só se abria por fora. “*Menos mal, pensa, assim não há perigo de fugas.*”

Deu de cara com um enorme pátio, cheio de pacientes. Suas pernas tremeram. Lembrou-se da frase famosa: “*Em Roma, como os romanos.*” É isso. “*no manicômio, como os doidos.*” Bastou pensar e a sirene tocou. Os pacientes se reuniram e um deles se aproximou e pegou sua mão, dizendo-lhe: “Ô papai, que bom que você chegou. Venha, papai, vamos jantar!” Tentou puxar a mão mas foi inútil. O cara tinha muita força e ele não queria entrar em atrito físico com ele. Não sabia que tipo de doente era. O jeito foi segui-lo. Entraram num restaurante. Duas fileiras de mesas. De um lado, homens, do outro, mulheres. Nunca havia visto homens e mulheres tão separados. Tão perto e tão juntos. “*É, deviam ser bem doentes para agirem assim*” – conclui. Tomou sopa com eles. O seu pretenso filho levantou o prato e bebeu a sopa. Um enfermeiro se aproxima, chama a atenção do doente, chamando-o de Virgílio. Olha para Gabriel.

“Você é novo aqui?”

“Sou!”

“Por onde você entrou, que eu não vi?”

“Por ali” – disse Gabriel apontando a porta, enquanto Virgílio começa a rasgar a folha de controle da obra.

“Sei. Quem te atendeu?”

“Ninguém. Eu sou enfermeiro. Vim ver a obra”. “Não recebi a sua ficha” – diz o enfermeiro pensando com seus botões: “*Um enfermeiro. Só o que faltava: um enfermeiro. Espero que seja o único, senão vão demolir o prédio.*”

Gabriel olha para Virgílio, que acaba de comer a folha. Enfurece-se e agarra o rapaz pelo pescoço, sacudindo-o.

“Seu desgraçado, comeu a ficha de controle da obra. Comeu! Seu merda! Comeu...”

O enfermeiro grita, e outros aparecem. Seguram-no à força. Alguém lhe aplica um calmante.

O sol bateu no seu rosto, incomodando os olhos. Coloca o braço no rosto. A cena do jantar lhe vem à mente. Assenta-se na cama. Olha o quarto, está numa enfermaria. Há outras pessoas deitadas.

Um enfermeiro, percebendo seus movimentos, se aproxima, toca a campainha, e o médico aparece, falando consigo mesmo: “*Um doído internado sem ficha, sem diagnóstico. Era só o que me faltava para começar o plantão. Não tinha nem documentos, a não ser um papel escrito: ‘Dalila, estou louco por você.’ Mais nada.*”

Depois da entrevista, o médico se convence de que ele era esquisito mesmo. Não, uma pessoa normal não podia dar aquele tipo de respostas. Ou podia? O cara quase o convenceu de que era “são”. Quase. Só quando tocou no nome da mãe e ele disse que não combinava com ela, que detestava o quanto ela dirigia sua vida, teve certeza de que ele tinha algum problema. Mas quem o internou? Será que foi a tal da Dalila? Seria ela a mãe dele? Uma irmã? Esposa? Não, esposa não. Ele não usava aliança. Estereótipos. Não entende porque ele estava com a ficha de internação. Será que é cleptomaniaco também? Ia chamar o Virgílio para saber se antes de engolir a ficha ele lhe alguma coisa. Se ele soubesse. Mas também ele nada pode fazer, pois é clínico geral, o psiquiatra só virá na segunda-feira ou antes se houver uma emergência.

O fim de semana acabou. Segunda-feira, Gabriel ouve o barulho da obra. Estava salvo. Sai correndo da enfermaria, caindo pelos cantos de tanto sedativo que lhe deram para mantê-lo quieto. Os enfermeiros, tentando segurá-lo. Ele, correndo. Perde as forças e cai. Alguém lhe aplica uma injeção. Na semiconsciência, ouve alguém mandar transferi-lo para uma solitária, como se fosse um preso. “Cuidado com o Anjo” – ouve alguém dizer. Anjo era ele, Gabriel, preso naquele inferno.

No mundo fora dos muros, podia-se ler nas manchetes: “*Filho de deputado federal desaparece. Seqüestro? Vingança?*” (pág. 7)

O texto, mais preocupado em falar das atividades pouco honestas do pai do rapaz, pouco acrescentou à chamada da manchete. Ele não era ninguém perto das trapalhadas do pai, que era deputado federal, conhecido no país e no exterior por suas falcatruas. No hospital ninguém deu muita atenção à notícia. Era mais um seqüestro. Mais um.

Alguns meses se passaram. Os médicos descobriram que o Anjo não tinha doença alguma. Tirando as seqüelas da dose maciça de remédios, ele até parecia normal. Continuava dizendo que era engenheiro. Dava até para acreditar. Pena que o abandonaram ali. Nunca apareceu alguém para visitá-lo. Para saber como estava. E agora ele era um problema. Ocupava uma vaga. Ocupava o lugar de alguém mais necessitado. Não podiam pô-lo na rua, simplesmente.

Aos poucos ganhou a confiança e transitava livremente pelo prédio. Fazia pequenas tarefas de pedreiro. Cuidava dos colegas, ensinava-lhes noções de higiene. Era um tipo interessante. Devia ter sido muito inteligente. Agora... agora estava meio pancada.

Um dia, Anjo foi até a portaria fazer uns consertos e viu um telefone. Sentiu-se emocionado. Um telefone. Pegou-o, numa pressa, como se ele fosse aquele último pedaço de bolo, que todo mundo quer, mas todo mundo quer ser educado e deixar para o outro comer. Ah, como desejara um telefone! Como! Olha o aparelho. Decide telefonar. Coloca o dedo no dial. Telefonar... telefonar para quem? Sua cabeça está vazia. Não há nomes, não há números. Não há mais desejos. A necessidade já não existia. Tudo está muito longe. Muito.

À noite, deita-se pensando naquilo. Precisa telefonar. O rosto de Dalila lhe vem à mente. Sim, um rosto e um número de telefone. “Dalila”. Pega o tubo de dentifício e escreve o número no chão. Adormece ali mesmo. Continuava louco por ela. Desde menino. Queria namorá-la e ela só queria a sua amizade. E ele rastejava atrás dela e nada. “*Ah, Dalila, como te amo*”

Sonhava com ela, quando o acordaram. E era a voz dela que ouvia. Abriu os olhos. Olhou à sua volta. “*Onde estava? Estava sonhando?*” Não! Estava na sua cela, no manicômio. E ela estava ali com ele. Chorando. Tocando-o. Beijando-o. Chamando-o de *Amor da Minha Vida*. “*Será que enlouquecera de vez?*” Lembrou-se do número do telefone que escreveu no chão. Alguém deve ter telefonado para Dalila. Por instantes, há um átimo de luzidez.

“*Graças a Deus, estou salvo.*”

Quer gritar, a voz presa na garganta... doem-lhe as cordas vocais. Sente uma dor, um ardor subir no peito sufocando-o e a liberdade completa chega. O Anjo está livre.

No dia seguinte, o jornal stampa a manchete: “*Filho de deputado desaparecido há quase um ano morre de infarto do miocárdio, num manicômio onde estava internado por engano.*” (pág. 4).

Uma semana depois, Gabriel já estava esquecido, Dalila voltou para o anonimato. Somente o pai, aliás o deputado, era notícia relevante.